



A POESIA É NECESSÁRIA  
**BALLADE DES DAMES  
DU TEMPS JADIS**

A ODILO COSTA, FILHO  
LUÍS MARTINS

*Vocês se lembram? Escapei da força  
E andava tristonho nas ruas da Lapa.  
As madrugadas tôdas amargas  
Deixavam nos olhos um tom de ressaca.  
E nós vivíamos nas madrugadas  
Talvez procurando as neiges d'antan.  
Você se lembra, Colin de Cayeux?  
Você se recorda, Petit Thibaud?*

*Já faz tanto tempo! — Na hora infame  
Em que fechavam os cabarés  
(Estávamos pálidos, faces de gis)  
Nós ainda íamos à procura  
Da flôr do Bêco dos Carmelitas.  
E a flôr do Bêco dos Carmelitas  
Era a royne Blanche comme un lys.  
Você se lembra, Colin de Cayeux?  
Você se recorda, Petit Thibaud?*

*Numa casinha ao pé do morro  
Morava Flora, la Belle Romaine.  
Havia um piano tuberculosíssimo  
Que chantait à voix de sereine.  
Numa mesinha junto à porta  
Bertha au grand pied bebia cerveja.  
Por cima das casas, do lado do mar,  
A aurora surgia da côr de cereja...  
Você se lembra, Colin de Cayeux?  
Você se recorda, Petit Thibaud?*

*Às vèzes, já tarde, no fundo dos copos,  
Ficávamos místicos à noite inteira.  
Então chorávamos diante da igreja  
(Perto era a casa de Manuel Bandeira)  
Odilo, eu, meu amigo Verlaine,  
Também chamado o "Pauvre Lélian"  
Et Jeanne, la bonne Lorraine  
Qu'Anglois bruslerent à Rouen.  
Você se lembra, Colin de Cayeux?  
Você se recorda, Petit Thibaud?*

*Agora é outra Lapa e nós somos outros  
Nunca pude pensar que o tempo corresse  
Não roubo, não bebo, não mato, não firo  
Não morri na força, mas antes morresse.  
A vida rolou... Começa a nevar  
Nos longos caminhos que um dia pisamos.  
Nada mais ficou nas mãos despojadas  
Nada mais existe, tudo acabou.  
Você se lembra, Colin de Cayeux?  
Você se recorda, Petit Thibaud?*

MUDANÇA

O novo morador do apartamento me convidou a subir, queria que eu desse algum palpite sobre a pintura das paredes.

Ficara com os móveis da família que se mudara, e trouxera mais alguns seus. Todos estavam empilhados no meio dos aposentos. Os pintores tinham terminado o trabalho do dia. Um já tomara banho e os dois outros faziam o mesmo naquele momento, um no chuveiro da empregada, outro no da família. Andando entre as montanhas de móveis e tarecos, percorremos a sala, os dois quartos, a saleta com vista para o mar. O novo inquilino me explicava: "Aqui vou pintar de branco meio cinza; para o rodapé escolhi este marron, que é praticamente da côr do assoalho; preferia que fôsse da mesma côr da parede, mas suja muito; esta parede aqui eu queria que continuasse com esse amarelo-claro, acho muito bonitinho, mas minha mulher não gosta de amarelo. Para o quarto escolhi este verde, um pouquinho mais carregado do que está, mas pouca coisa".

Eu concordava, calado, ou dava algum palpite, sem convicção: "É, fica bem assim, também podia ser um azul bem leve...". Mas no meio daquela desarrumação ignominiosa — cadeiras, almofadas, cama de criança, pilhas de discos, biombo fechado — eu reconstituía a ordem antiga deste apartamento do casal amigo, onde tantas vèzes vim. E lembrava momentos simples: o marido fumando o cachimbo, a mulher na janela chamando a criança para dentro. A antiga arrumação dos móveis, o dia em que chegou a vitrola nova, a idéia de fazer um estrado na sala da frente para uma pessoa sentada poder ver o mar. Lembro aquele jantar desagradável, em que o casal estava brigado e começou a discutir em minha frente; o telefonema triste, contando uma doença súbita e grave de um amigo comum, no meio de uma noite alegre, em que havia gente cantando e dançando. Lembro tantos momentos dessa longa amizade, e de repente esses móveis me parecem não apenas desarrumados como quebrados, essa família amiga que morou aqui não está ausente como está morta, ou pelo menos separada. Há, nessa mudança de uma casa tão longamente habitada, no abandono dessas coisas tão integradas na vida da família, uma traição que me dói. Nunca esse casal poderá ser o mesmo, se, com tão espantosa frieza, pôde abandonar esse "somier" com sua gaveta baixa outrora cheia de fotografias, e tôdas essas coisas que tiveram a longa amizade de seus olhos e suas mãos, acostumadas a suas alegrias, seus sustos, sua calma, sua tristeza. A poltrona tem um ar lamentável, traída; o "abat-jour" iluminará outra cabeça e outro livro; a cama receberá outros corpos.

Eu também me sinto traído, com esses móveis, essas paredes, essas coisas. Eu, que sempre tenho vivido de um canto para outro, e durmo e como em qualquer lugar, e deixo para trás as casas e as coisas, e sempre hei de sentir um prazer novo em dormir em qualquer quarto de hotel, em qualquer cidade desconhecida; eu, que de meu só conservo, ao longo do tempo, as amizades e ternuras, aqui me vejo desolado e com uma vaga revolta diante dessas coisas amontoadas e tristes que perderam o próprio sentido, essas coisas em que parecia estar entranhada para sempre a alma da família, que ficaram tão silenciosas e trágicas no dia em que o menino passou mal, que tanto sofreram e viveram com o homem, a mulher e a criança. E tenho uma vontade infantil e absurda de passar a mão pelo encôsto da velha poltrona e lhe dizer baixinho, como se na verdade estivesse falando para mim mesmo: "Eles não tinham o direito de fazer isso".

GENTE DA CIDADE



**Zilco Ribeiro,  
empresário**

Os tabeliães gostam que os filhos sejam advogados, e talvez o tabelião de Ofícios e Notas Zeferino Ribeiro,

de Pôrto Alegre, casado com uma senhora de sangue italiano, dona Emma (irmã do dr. Raul Pilla), sonhasse uma brilhante carreira jurídica para seu menino Zilco. Hoje, aos 32 anos, Zilco já seria talvez vereador e candidato a deputado estadual. . . Mas a história é diferente.

Zilco estudou até o 1.º ginasial no Colégio Nossa Senhora do Rosário, e então se declarou farto de rezas e confissões; passou um ano no "Pôrto Alegre College", mas o pai viu que havia muito esporte e excursões mas pouco estudo, e o matriculou no Colégio Militar; quando o ministro Eurico Gaspar Dutra fechou abruptamente esse Colégio o rapaz foi terminar o curso no Ginásio Estadual Júlio de Castilhos. É aprovado em primeiro lugar mas se nega a comparecer à festa de formatura no Teatro São Pedro, porque o calor era muito e o "smoking" obrigatório. Tem 18 anos e o pai lhe pergunta que carreira quer seguir; diz que não quer seguir nenhuma, prefere começar a trabalhar logo para ser independente. O pai coça a cabeça, mas que fazer? Emancipa o rapaz e lhe dá um emprêgo no próprio cartório; assim pelo menos o terá perto de si. Até que o môço trabalha bem, mas acontece que aos sábados e domingos vai para o Aero Clube. Quando tira o "brevet" de piloto civil, o Brasil entra na guerra. Cursa algum tempo o CPOR aéreo, mas a vida na Base é horrivelmente chata e se candidata a uma bolsa de pilotagem militar nos Estados-Unidos, sabendo que se fosse eliminado teria de servir na Base como pracinha. Estuda inglês durante 3 meses dia e noite, é aprovado, faz uma viagem de trem, sentado, para o Rio (5 dias e 4 noites) e em 1943 embarca para os Estados-Unidos. Magríssimo, quase é eliminado por falta de pêso e tem de assinar uma declaração dizendo que o govêrno U.S.A. não será responsável se êle ficar tuberculoso durante o estafante curso. São ao todo 64 jovens brasileiros, e Zilco está entre os 7 que tiram o curso de bimotor, ao fim de 14 meses intensivos. Desembarca no Rio no dia em que termina a guerra na Europa, e durante 2 anos e meio é instrutor de pilotagem, trabalho que ama; mas fica estafado e vai para a Diretoria do Pessoal, depois para o Parque Aeronáutico dos Afonsos. E marca passo: o curso que fez nos E. Unidos não vale nada aqui, terá de ir para a Escola aprender tudo o que já sabe, se quiser ser promovido. Estava amargado com isso quando pela primeira vez em sua carreira é punido; acha a punição injusta e se demite do ar.

Eis Zilco em terra; tem um dinheirinho guardado, "assunta" as coisas, afinal conhece um italiano que o apresenta a outro, e com os dois e Barreto Pinto monta uma companhia de revistas no Carlos Gomes. Dercy, Oscarito e Renata fazem sucesso, mas os sócios brigam e a companhia se dissolve com uns 200 contos de prejuízo para Zilco. Abatimento. Mas implicou com o teatro; lança Marlene no "Follies", com relativo sucesso, mas o inexperiente Zilco entra em luta com três críticos — Agnelo Macedo, do "Correio da Manhã", Raimundo Magalhães Júnior, de "A Noite", e Raul Lima do "Diário de Notícias" tudo por causa de um quadro de mau gosto. Afunda, com um prejuízo de 30 contos. Desânimo. Em fins de 1950 apela para amigos, monta com Dercy Gonçalves uma revista carnavalesca no Glória; prejuízo. Está liso, cheio de dívidas e quando ouve falar em teatro sente dor no estômago. Pede um emprêgo na revista "Cruzeiro"; tenta trabalhar em decoração, tenta vender persianas, tenta entrar para o IAPI, não arranja nada. É considerado um jovem tonto e fracassado. Ouve falar que Juan Daniel vai ser despejado do "Follies", chateia o dono do teatro seis meses, resolve tentar ainda uma vez. "Olha o Pixe", "Adorei Milhões" (151 representações) "Carroussel de 53", "Mulheres, Cheguei" (fraca) "O K., Baby" (muito dinheiro) e agora "Doll Face", já 8 semanas com a casa cheia, deram para pagar tôdas as dívidas e para algo mais. Já pensa em ter um teatro próprio (o mês passado, na base de 20 por cento do bruto, pagou 140 contos de aluguel do teatrinho) e atribui em parte seu êxito ao fato de apresentar em Copacabana um teatro de revistas sem piadas grosseiras, sem referências a nabos, tomates, etc. Agora está trabalhando com gente nova; o maquinista é caixeiro de uma loja em Lins Vasconcelos, o contra-regra tem uma barraca de feira, o eletrícista funciona em um botequim do Méier, Sônia Mamede era nadadora em Consuelo Leandro datilógrafa, o artista mais velho tem 25 anos.

Zilco bebe bem, fuma dois maços por dia (em tempos de estréia, 5) trabalha 12 a 14 horas, nunca vai para a cama antes das 4, e é solteiro — "se não fôsse, já seria desquitado".



## Soirée

IBRAHIM SUED

Durante um jantar no Casablanca, a sra. Ernest Waller e o sr. O. W. Corrie.

● **SÃO PAULO (11):** A elegantíssima recepção que o sr. e sra. Olavo Fontoura ofereceram a Sir Alexander e Lady Fleming foi um dos grandes acontecimentos da "saison" paulista. Os Fontoura, recebendo admiravelmente, reuniram, em sua bonita residência de Jardim América, figuras da alta sociedade paulista. A "hostess" estava muito elegante com um vestido parisiense. Para minha surpresa, o lindo vestido que a senhorita Elizabeth Fontoura exhibe é modelo americano. O vestido espetacular de Djor da sra. Stela Loureiro não é um vestido: é uma jóia. E por falar em jóia, o colar da sra. Titina Crespi é uma beleza. As sras. Maria Aparecida Meireles e Júlio Pimenta, bonitas e elegantes, fazem sucesso. Muito comentada a pele da sra. Ruth Moreira. A sra. Hermelino Matarazzo é sempre um espetáculo; bonita e bem vestida. A sra. Biá Coutinho me dá notícia da festa que está organizando para o próximo dia 20. É sempre agradável rever uma das dez mulheres mais simpáticas de S. P. A senhorita Marilu Vilalobos faz sucesso com seu belo vestido de cauda. O sr. Cândido Fontoura, grande figura da indústria farmacêutica desta capital, é positivamente um "grand-seigneur". A mansão dos Fontoura vive um de seus grandes dias. Reveja o casal Fábio de Andrade (recentemente casado). Fábio está completamente mudado — vida burguesa. A sra. Sarita Coelho, como sempre muito bonita, me participa seu casamento para daqui a 3 meses. Os casais Pedro Romero e Ricardo Vidigal estão presentes. A sra. Cecília Prado é dona de grande charme. Os cronistas Jerry e Cintia estão em grande atividade. O ilustre cientista homenageado, apesar de não gostar de festas, está maravilhado. Aqui, neste elegante acontecimento, também se encontram os srs. Wilson Fray e Robert Hogedman (norte-americanos). Encontro a senhorita Sílvia Láfer, que está residindo em S. P. Está um brotinho e tanto. Uma uva. A sra. Marinela Monteiro de Barros está muito elegante. O jovem sr. Jean Louis Soares de Lacerda me comunica que vai para o Rio fazer grande movimento. Tive o prazer de conhecer pessoalmente a sra. Kovarik, que é uma simpatia, e o reputado médico paulista, Dr. Montenegro. O Coronel Faria Lima também está participando desta reunião. A sra. Ralph Fiocardi me dá notícias da sra. Dirceu Fontoura, que está passeando na Europa em companhia de sua mãe. Deve estar fazendo sucesso com seu chic em Paris. Conheci o elegante jovem sr. Pedro Pivo. Está fadado a grande sucesso, apenas deve ser mais controlado. . . A sra. Roberto Ferreira (tijolo) parece uma carioca. Está moreníssima; sol de Guarujá. O sr. Atílio Boneti me conta novidades. Também a sra. Dana Mendonça me explica que grandes festas vão acontecer nesta temporada. Foi, sem dúvida, uma recepção e tanto. Os Fontoura, quando recebem, é sempre um grande acontecimento.

● **FLASHES PAULISTAS:** A sra. F.A. elogiou o laço-borboleta da sra. D.M. e perguntou: — Ele vai voar em quem. . .? Nair Cecília e Marina Guimarães fizeram uma temporada de golf em Poços de Caldas. A senhorita Ana Celina Novais preparase para o seu casamento. A senhorita Aurora de Garin ofereceu um ele-

gante jantar a um pequeno grupo em sua residência. A senhorita Beatriz Vergueiro vai se casar com o sr. Carlos Koll Alvarenga. A senhorita Teresita Junqueira recebeu em sua residência, para um "cocktail". Também fui informado de que o sr. João Carlos Palhares Leite (Kaut), aí do Rio, está completamente apaixonado pela senhorita Junqueira. E para finalizar estas notas paulistas, devo informar que vai acontecer um casamento-bomba na capital paulista. É só. São Paulo não pára. Eu também.

● **O SR. E SENHORA JOAQUIM MONTEIRO DE CARVALHO,** simpáticos e jovens ainda, festejaram 13 anos de casados com um jantar no Casablanca, no dia da estréia de gala do grande "show" "Satã dirige o espetáculo". Devo informar que o guarda roupa é de um luxo sensacional. Sua criadora, sra. Gisela Machado, está definitivamente consagrada nesse gênero. Ainda nessa noite, entre os presentes, o simpático sr. Nelson Brant Maciel; a elegante Marquesa de Valparaíso; o sr. Armando Pires do Rio devidamente acompanhado (duas); os casais Antônio Liberal, Luís Liberal, Paulo Devicenzi, Osvaldo Mota e Aloisio Clarck Ribeiro e Celina Resende, que me participaram seu casamento para este mês ainda. Noite elegantíssima e animada.



O sr. e sra. Silvério Ceglia estão em lua de mel.



A senhora Alvaro Catão e o sr. Joaquim Silveira, durante um recente jantar.